



Sr.ª D. Camila d'Avila e D. Stela d'Avila, em trajes minhotos
(Cliché da Fotografia Alencar)

Lisboa, 16 de Junho de 1911

382

Editor e Proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOBERT CHAVES

Redacção, Administração, Ofic. Com-
posição e Impressão—RUA DO SÉCULO, 43

Ilustração
PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
DO JORNAL
O SÉCULO

ASSINATURA PARA:

| | |
|--|----------------------|
| Portugal, colónias por- tuguezas e Hespanha | Ano..... 4\$500 |
| | Semestre..... 2\$400 |
| | Trimestre.... 1\$300 |

FARINHA
LACTEA

NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO
para crianças e pessoas
edosas.

LANÇE A SUA FUNDA
AO FOGO

Milhares de pessoas são curadas
completamente e abandonam
as suas Fundas

Todas as importantes descobertas em comu-
nicação com a Arte de Curar não são feitas
por pessoas mélicas. Existem excepções e uma
d'ellas é verdadeiramente a maravilhosa des-
coberta feita por um intelligente e habil velho,
William Rice. Depois de ter soffrido durante
bastantes annos, de uma hernia dupla, a qual
todos os medicos declaravam ser incuravel, de-
cidiu-se dedicar toda a sua energia em tratar
de descobrir uma cura para o seu caso. Depois
de ter feito toda a especie de investigação veiu
por casualidade deparar com o que precisa-
mente procurava e não só poudo curar-se a si
proprio completamente, assim como a sua des-
coberta foi provada em todas as classes de her-
nias com o maior resultado, pois ficaram todas
absolutamente curadas. Talvez que V. S.^a já
tenha lido nos jornaes algum artigo acerca
d'esta maravilhosa cura. Que V. S.^a tenha já



Cure V. S.^a a sua hernia e lance
a sua Funda ao fogo

lito ou não, é o mesmo, mas em todo caso
certamente que se alegrará de saber que o
descobridor d'esta cura offerece-se enviar gra-
tuitamente a todo o paciente que soffra de
Hernia, detalhes completos acerca d'esta ma-
ravilhosa descoberta, para que se possam curar
como elle e centenaes de outros o tem sido.
A Natureza d'esta maravilhosa cura effectua-
se sem dor e sem o menor inconveniente. As
occupações ordinarias da vida seguem-se per-
feitamente emquanto que o Tratamento actua
e CURA completamente—não dá simplesmente
alivio—de modo que as fundas não se torna-
rão necessarias, o risco de uma operação cirur-
gica desaparece por completo e a parte affec-
tada chega a ficar tão forte e tão saõ como
antes.

Tudo está já regulado para que a todos os
leitores d'este jornal, que soffram de hernias,
lhe sejam enviados detalhes completos acerca
d'esta descoberta sem equal, que se remette
sem despezas alguma e confia-se que todos que
d'ella necessitam se aproveitarão d'esta gene-
rosa offerta. É sufficiente encier o c.u.p.n in-
cluso e enviar-o pelo correio á seguinte indi-
cada.

COUPON PARA PROVA GRATUITA

WILLIAM & RICE (S. 944), 8 & 10, Stone-
cutter Street, Londres, E. C., INGLA-
TERRA.

Nome
Endereç.

Le Chevalier d'Orsay

Este perfume se harmoniza com o aroma do charuko

D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS



AUTOMOVEIS
R. 24 de Julho, 56

UNIO

— LISBOA —

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL:

| | |
|---------------------------------------|--------------|
| Ações | 300.000\$000 |
| Obrigações | 325.000\$000 |
| Fundos de reserva e amortização | 265.000\$000 |
| Total | 900.000\$000 |

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marlianãia e Sa-
biri (Tonar), Penedo e Casal d'Herminio (Louzã), Vale-Mator (Aiber-
garia-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de
kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua
industria. Tem em deposito grande variedade de pap'is de escrita, de im-
pressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para
fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina con-
tinua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes Jor-
naes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais
importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos:
270, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—49, RUA DE PASSOS MANOEL, 51,
PORTO.—End. teleg. em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero tele-
fonico: LISBOA, 605—PORTO, 117.

Comprem as Sedas Suissas



Peçam as amostras de nossas novidades de primavera
e verão para vestidos e bluzas: Crêpe de Chine, Eo-
lène, Voile, Foulards, Messaline, Mousselin 120 cm
de largo desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco
e côr, bem como das bluzas e vestidos bordados em
Batiseta, lã, tela e seda.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantida
diretamente aos particulares e franco de porto no domicilio

Schweizer e Co., Lucerne E 12 (Suissa)

Exportação de sedas — Fornecedores da Corse.

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



BAUME BENGUÉ
CURA TOTALMENTE
RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

16-6-1913

N.º 382

FRANÇA, HESPAÑHA:

Emquanto a Camara dos Deputados da França, votando o crédito de duzentos e trinta e quatro milhões para a manutenção da classe liberavel nas fileiras do exercito, responde ás ameaças externas do perigo germanico e ás ameaças internas do sindicalismo, — a Hespanha discute no Senado a questão das mancomunidades e debate-se na agonia dos seus dois grandes partidos politicos. Tres figuras maximas do parlamento hespanhol chamam sobre si as atenções da Europa: Azcarate, o *leader* dos republicanos-socialistas, que o rei ouve e considera, e a quem de direito, pelo seu prestigio, caberia a presidencia do Senado; Maura, conservador e catolico ferrenho, em cuja mascara trigueira brilham uns olhos ardentes de berbere; Romanones, chefe dos liberaes e presidente do ministerio, creatura sombria, arguta, angulosa, que procura equilibrar-se entre a corrente socialista e a corrente conservadora, entre a opinião liberal e a opinião apostolica, n'uma attitude intermedia e indecisa, que adia, sem a resolver, a grave questão politica de Hespanha. Ascarate é a republica; Maura, o ultramontanismo; Romanones, a expressão viva das hesitações de um povo entre a negação da realza, com a qual o proprio Afonso XIII em principio concorda, e o perigo catolico que amanhã traria, com o possivel advento de Maura, — a revolução. O segundo pedido de demissão que o presidente do ministerio acaba de apresentar; a attitude dos «monteristas»; a renuncia politica de Maura e a imminente pulverisação dos conservadores se não receberem a herança do poder,—são outras tantas manifestações d'aquilo a que Demolins chama «a crise latina de fadiga».

A HISTORIA DO ARCO:

O arco de Santo André, arco de volta redonda do seculo XVII, que marca o lugar de uma das portas da antiga cerca de Lisboa, e onde já não haverá, talvez, um silhar ou uma aduela do tempo de D. Fernando, tem motivado ultimamente algumas providencias governativas fundamentadas em justas reclamações da Associação dos Archeologos. Segundo parece, trata-se de um monumento nacional que, rigorosamente, não podia ter sido vendido pelo titular que o vendeu; cuja demolição não podia, rigorosamente tambem, ser autorizada pelo municipio que a autorizou,—mas que, uma vez feita essa venda sem protestos e uma vez contratada e autorizada essa demolição, a Companhia tem o legitimo e irrecusavel direito de deitar abaixo e, mais ainda, de exigir que lhe dêem força para levar a efeito aquilo que contratou. Quando a questão estiver completamente esclarecida; quando se tiver reconhecido a precipitação do titular que vendeu o arco pertencendo-lhe apenas, segundo parece, a serventia do terraço; a precipitação da camara autorisando uma demolição a que se opunham os decretos de 1908 e de 1911; a precipitação da repartição do Fomento aprovando um traçado de linha cuja

consequencia forçada, era essa demolição; quando for ouvido o conselho de arte e archeologia, a comissão de monumentos; quando, finalmente, todos estiverem de accordo em que o arco de Santo André deve ser conservado e considerado como monumento historico, — já não restará d'ele senão um montão de pedras.

OS TUMULTOS DE COIMBRA:

Os conflitos entre estudantes e futricas, tão velhos como a propria Universidade, constituiram uma das mais caracteristicas tradições de Coimbra. Enquanto subsistiu a antiga vida universitaria, com as suas charameias, os seus alabardeiros, a sua cabra, a sua missa do Espirito Santo, a sua suntuosa sala dos Capelos, a liturgia dos seus cerimoniaes lentos e solenes como a marcha de um coche D. João V; enquanto os escolares mantiveram todas as suas tradições,—compreendia-se que se mantivesse tambem a tradição d'esses conflitos seculares, lamentaveis sem duvida, mas enraizadamente coimbrãos. Hoje, porém, que tudo mudou; que as velhas tradições desapareceram; que a nobre figura do *Lya*, tocada de genio por Camilo, se estufa e dilue na nevoa confusa do tempo; — hoje, que as charameias se calaram, que a cabra emudeceu, e que a propria capa e batina é quasi uma lenda remota,—as velhas rivalidades entre estudantes e futricas, perdido o seu carater sentimental, o pitoresco tradicional do meio, tudo aquilo que envolvia, como uma *patine* doirada, a vida universitaria, não podem já ser consideradas senão como vulgares perturbações de ordem publica, que a intelligencia dos estudantes e o bom senso do povo—estou certo—de futuro evitarão.

O SALÃO DOS HUMORISTAS:

Nas tres salas do rez-do-chão do Gremio Literario, onde se instalaram os humoristas, encontra-se aquilo de que mais precisa a arte portugueza: mocidade e talento. A maior parte dos expositores oscila entre os 17 e os 25 anos. Os trabalhos de Leal da Camara, e em especial o *Melhor Beijo*, em que a figura multicolor de Arlequin surge, junto a um fauno de pedra, n'um recanto verde de bosque, — são obras primas. Admiraveis os *portraits-charge* de Valença, feitos á maneira de Leandre. Cheios de movimento e de expressão os bronzes, os gessos e as terras cotas pintadas de Ernesto do Canto. Muito interessantes algumas agurelas de Castañe, de Cristiana Cruz, de Almada Negreiros, etc. Humoristas? Rigorosamente, não. O *humorismo*, forma hipertrofica da verdade,—a verdade sob pressão, como diria Bergson—exige mais desenho, mais *metier*, mais observação, mais preparação, mais academia do que nenhum outro processo de satira plastica, porque vive, precisamente, d'essa «exatidão desconcertante» que Taine tão bem caracterizou. O que ha mais, no Gremio Literario, é *impressionismo*; em todo o caso, o que lá ha, incontestavelmente,—é talento.

JULIO DANTAS.



A' MINHA HELENA

Era grande o Turco. Nunca o viram. Eu vi-o algumas vezes. Grande, de pelo lanuzado e açafroado, de cauda farta que lembrava uma bôa de penas, e com um olhar que, se uma ou outra vez relampejava de colera, tinha d'ordinário uma expressão de suavidade humana e infantil que comovia. A cauda trazia-a quasi sempre pendente, apenas a extremidade ligeiramente alçada em curva de baculo—o que revelava um temperamento de melanclico. E na sua melancolia, ao fitar-nos, n'um ar absorto de quem não vê, de quem adjeja em pensamento por mundos ignorados que não cabem na orbita do nosso mundo, parecia lamentar-nos pela fraqueza que nos não permite elevarmo-nos até à curva ideal das suas cogitações.

Todo se alegrava se o amo, o senhor Morgado, lhe afagava a cabeça chata e submissa declinando-lhe o nome com afeto. Então abanava a cauda, chegava mesmo a ladrar, n'um contentamento em que se traía uma pontinha de vaidade,—a vaidade ingenua dos bons, por uma caricia compensados de epopeias de sacrificios.

Mas não foi para lhes reproduzir os traços físicos, nem o modo de ser intimo do Turco, que d'ele lhes vim falar. O meu fim é outro e talvez de menos difficuldades. Desejo contar-lhes a sua historia—melhor, o capitulo dominante, pelo menos o de maior nomeada, da sua vida honesta de guarda fiel e amigo.

Em certa manhã de maio, á hora ainda indecisa em que a luz é como um vago sorriso diluindo-se nas tristezas do crepusculo, o Turco, que dormia ao fundo da quinta, ouviu um silvo de assobio mudo do seu conhecimento. Saltou fora do casinhoto de madeira e palha em que cenobiticamente passava as noites, correu para os lados do antigo e nobre solar—indo encontrar, dentro da cavaleriça, alumiado por uma candeia d'azeite que um creado velho sustinha á altura da calva, o seu amo e senhor Morgado, de c'pote de burel á cavalaria, á aparelhar o riço alazão que de costume o transportava ás feiras e romarias. Aprehendido o animal, segurou os alforços de couro ao arção da sela, por baixo da manta colorida que o cobria. O Turco assistia á cena silenciosa com os olhos cheios de brilho e a cauda a fustigar o espaço. Compreendia que ia percorrer caminhos e montes á frente da montada, e isso alegrava-o, e fazia-o soltar espasmos ladrados, n'um tom de baixo profundo que saudia os nervos do cavallo.

— Cala-te 'hi, bruto! — clamava o amo, sorridente, a cada novo ladrado.

O morgado bifurcou-se emfim na sela, saiu pelo

HISTORIA D'UM CÃO

portão do pateo lageado e espaçoso em que havia uma latada, uma fonte a cantarolar e galinhas e patos em passos de incerteza—como que a andarem a medo e ainda com sono. O cão largara á desfilada. E ora se afastava para longe, n'uma correria em que roçava a cauda pela poeira do chão, ora voltava atraz, aproximando-se, ladrando, n'um contentamento imoderado.

Passava-se este caso, até aqui singelo e vulgar da vida campesina, perto d'uma vila transmontana, n'uma aldeia minuscúla acocorada entre vinhedos e hortas como ninho entre folhagens. O morgado dirigia-se á vila, onde se realisava a feira quinzenal, e onde se fornecia de alfaias para o amanhar das terras, de cotins para a fatiota dos creados, e de noticias frescas acerca das coisas da politica—e estas bebia-as na botica do Largo da Praça, entre o rapé d'um senhor reitor de nariz ponteagudo e as pilulas do boticario.

Meteu da aldeia ao caminho da serra—um atalho pedregoso, aos zig-zagues, ruga que cortava o flanco agreste da montanha, que raros se afoitavam a tri-

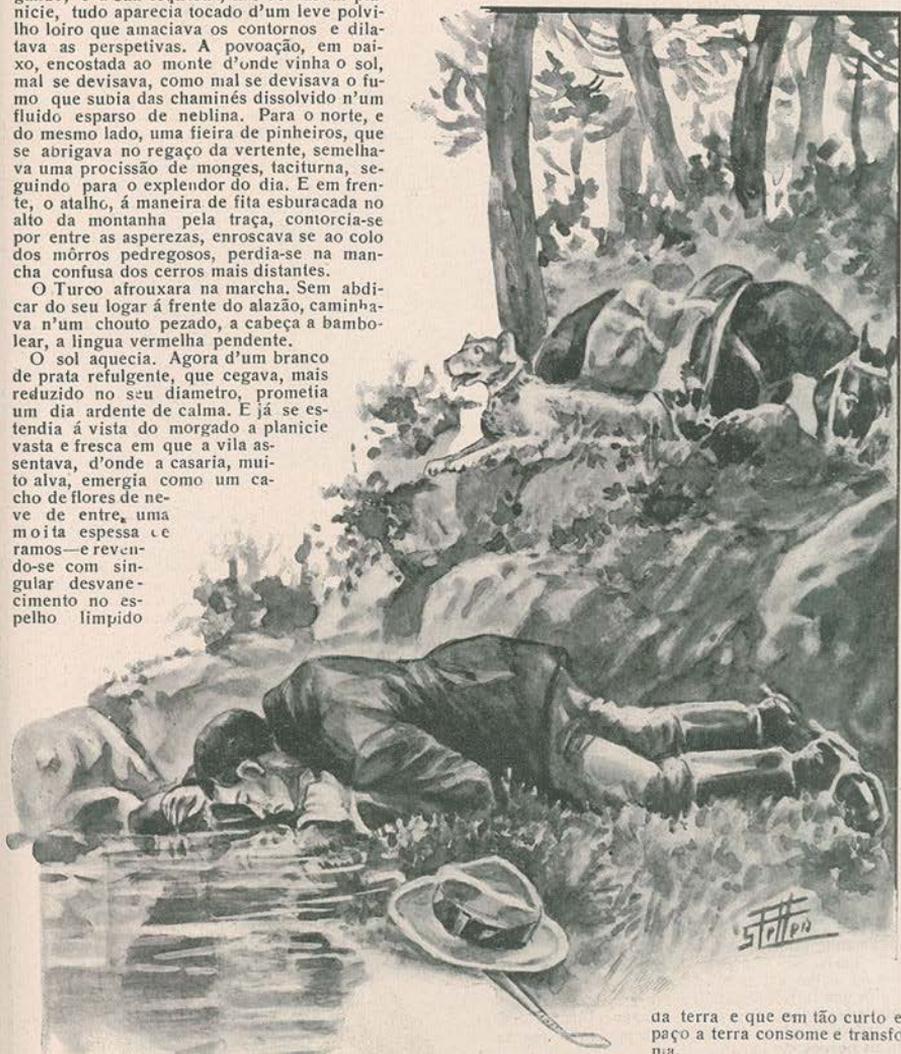


lhar a cavallo, mas que adeantava para mais de meia hora nas tres horas de jornada que a estrada moderna consumia. Quando chegou a meia encosta, a encosta fronteira, que se estendia a nascente, era como um vasto e soberoo altar que renques esguios de pinheiros acolitavam—e soore o qual o sol, hostia d'oiro banhada n'um milagre de luz, se levantava para o azul translucido, lentamente, como se a luz lhe pezas e a ascensão fosse penosa. Em volta, e junto de si, na escarpa que o alazão trepava resfolegando, e á sua esquerda, nas bordas da planície, tudo aparecia tocado d'um leve polvilho loiro que amaciava os contornos e dilatava as perspetivas. A povoação, em baixo, encostada ao monte d'onde vinha o sol, mal se devisava, como mal se devisava o fumo que subia das chaminés dissolvido n'um fluido esparso de neblina. Para o norte, e do mesmo lado, uma fieira de pinheiros, que se abrigava no regaço da vertente, semelhava uma procissão de monges, taciturna, seguindo para o esplendor do dia. E em frente, o atalho, á maneira de fita esburacada no allo da montanha pela traça, contorcias-se por entre as asprezas, enroscava-se ao colo dos mórros pedregosos, perdia-se na mancha confusa dos cerros mais distantes.

O Turco afrouxara na marcha. Sem abdicar do seu lugar á frente do alazão, caminhava n'um chouto pezado, a cabeça a bambolear, a lingua vermelha pendente.

O sol aquecia. Agora d'um branco de prata refulgente, que cegava, mais reduzido no seu diametro, prometia um dia ardente de calma. E já se estendia á vista do morgado a planície vasta e fresca em que a vila asentava, d'onde a casaria, muito alva, emergia como um cacho de flores de neve de entre, uma moita espessa de ramos—e revendo-se com singular desvanecimento no espelho limpo

A meia legua do povoado, pouco antes de entrar na estrada movimentada de ente a cavallo e a pé, começou a sentir securas de sede. E a sede aumentou ao descobrir um fio d'agua que brilhava alguns metros acima do caminho—um d'esses fios limpidos que borbulham á flor da terra, que correm em linha sinuosa, entre duas geiras, a alimentar e a dar sorrisos á relva d's margens, e que a mesma terra aosorve ao cabo da segunda geira: imagem inquieta da vida, que vem



d'um rio. Tirou dos hombros o capote, que dobrou em quatro, que colocou á frente do selim.

da terra e que em tão curto espaço a terra consome e transforma.

Desmontou, prendendo a redea a um galho de pinheiro. Metu ao declive suave em que a agua corria e deitou-se de oco, e bebeu a largos sorvos.

O Turco, defegante, a lingua mais pendente, a transpirar, a orelha murcha, o olhar vasio, estendera-se á borda do caminho, sobre a relva, n'um

curto descanso reconfortante — n'aquela atitude que a escultura assinala aos molossos de mármore colocados á entrada dos jardins de luxo. E logo que o senhor morgado retomou a sela do alazão, levantou-se diligente, disposto a continuar a jornada.

Mas como que o acometeu uma febre que o morgado não sabia explicar-se. Atirou-se para a sua frente a ladrar, com ladrados intimativos, com arremessos em que transparecia a intenção de lhe estorvar o passo.

E á medida que o cavalo, encabritando-se, avançava, o seu ladrar aumentava, os seus saltos multiplicavam-se, quasi hostis, quasi agressivos, empinando se em arremetidas de ameaça. O alazão avançava sempre, erriçava a crina, projetava o ar pelas narinas affluentes com ruidosos resfolegos. E o molosso a redopiar, a correr, a empinar-se, a ladrar, como tomado d'uma furia estranha, n'um desespero que não cedia. O morgado, aprensivo, admoestava-o, energico:

— Eh Turco! Larga!

O animal não o ouvia. Pelo cerebro passou-lhe o relampago d'uma suspeita. O que seria aquilo, o que teria o Turco? Pacencia que uma loucura subita o desvairara. E veiu-lhe a visão do medo, por si e pela montada. Dinado? Quem sabia lá! Era certo que ladrava, que não mordera ainda... Apesar d'isso... Talvez fosse uma forma de raiya desconhecida... — e lembrou-se de que o cão não se chegara á agua, quando foi beber. Depois... — agora aproximou tanto as patas deanteiras do focinho do cavalo que o morgado julgou ser esse o momento do decisivo ataque. O alazão fitou as orelhas, sacudiu e alteou a cabeça, n'um mais fundo resfolego de impaciencia ou de receio. O morgado alvorçou-se. Lançou a mão ao coldre direito dos alforjes, sacou d'uma pistola. Gritou, colérico:

— Turco, afasta!

E vendo que o Turco insistia, apontou a arma, descarregou um tiro, ouviu um latido de dor e esporeou

d'hora d'ali á vila, apeando á porta d'uma locanda baixa, d'um andar, em que recolheu com o coração amargurado e os olhos ainda humedecidos de lagrimas.

A locandeira pediu-lhe dinheiro para despezas. Introduziu a mão no bolso, em silencio, a fim de tirar a carteira. Mas... — rebuscou, vasculhou os outros bolsos, foi certificar-se vasculhando os bolsos do capote. Tinha-a trazido, não havia duvida. Decididamente, perdera o seu dinheiro, perdera a sua carteira. E agora? Acudiu-lhe uma ideia. Não lhe teria caído á beira do regato, ao deitar-se de borco para beber?

Tornou a montar, n'uma atropellação nervosa.

O alazão nunca galopara mais veloz. Estranhou que o Turco não estivesse no sitio em que o ferira — e viu um rasto de sangue, que seguia caminho fora, que desaparecia em frente da relva refrescada pela agua que murmurava. Viu o cão debruçado ao lado da corrente, como se se debruçasse a ouvir-lhe o murmurar ligeiro, e assim adormecesse — desmanchada a sua attitude classica de mármore de jardim, com a cabeça no chão, as pernas distendidas, as pupilas vitreas no espaço.

Desceu do cavalo, tentando desviar os olhos, procurando, sem fixar o amigo que o seu braço executara. E tendo de se aproximar do cadaver, em volta do qual já zumbiam as moscas, parou, atonito, compreendeu, amargurado, descobrindo uma ponta da carteira sob essa bela cabeça inerte, que para sempre repousava no solo, de boca aberta para a agua que corria a dois passos e tristemente soluçava.

Sousa Costa.



o cavalo, n'uma angustia surda, no pavor d'essa morte que o confrangeu.

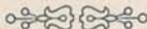
.....
Não gastou um quarto

Exposições de Caricaturas



Abriam duas interessantes exposições de caricaturas em Lisboa onde de ha um tempo a esta parte se cultiva apaixonadamente o genero tendo aparecido uma pleiade de artistas novos que são quasi exclusivamente os expositores do certamen do Gremio Literario o qual tem sido muitissimo concorrido e apreciado.

Tambem na Escola de Guerra alguns dos alunos, nos intervalos dos seus estudos, se dedicam á caricatura tendo exposto os seus trabalhos que quasi todos constam de sa tiras inofensivas aos costumes escolares e a algumas individualidades em destaque no seu meio.



1. — Caricatura do tenente Machado uma das peças da exposição humoristica dos alunos da Escola do Exercicio, trabalho do sr. Virgilio d'Almeida.—2. Exposição dos Humoristas no Gremio Luzziano: Mulher que fuma trabalho do sr. Hippolito Colomb.—3. Importação Francesca, uma das caricaturas da exposição da Escola do Exercicio.—4. Exposição dos Humoristas do Gremio Literario: N'um teatro de feira, trabalho do sr. Rocha Vieira.

A Canção Portuguesa nas festas da cidade



A COMISSÃO ORGANISADORA DO GRUPO E ALGUNS CANTORES E CANTORAS

No 1.º plano, a direita para a esquerda: Mesdemoiselles Helena Cid, Serra Sousa, Ilda Carneiro, sr.ª D. Cesarina Lira, mesdemoiselles Helena Fernandes, Stela Leitão e Cacilia Barba. No 2.º plano: srs. Pinto, Carlos Pereira, Herminio do Nascimento. No 3.º plano: Mademoiselle Maria Alice Marques, sr.ª D. Ema Cordeiro, mademoiselle Albertina Peres, srs. Rodrigo da Fonseca, Tomaz Borba, Nunes Batista, mesdemoiselles Lourdes Botelho, Helena Gomes e Maria Filgueiras.



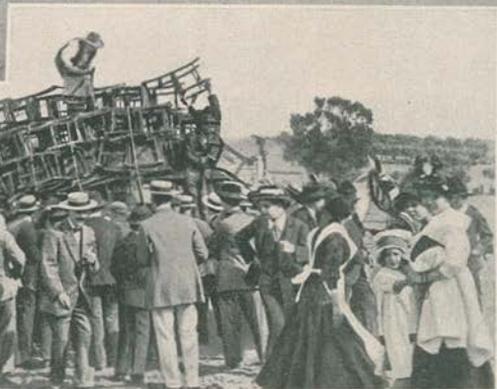
OS EXECUTANTES DA CANÇÃO *O flosinho da fonte*

No 1.º plano, da direita para a esquerda: Mesdemoiselles Santos, Herminia Torres, Elvira Campos, Irene Teixeira, Maria Campos, Vale Monteiro, Vaz, Amelia Fragoso. No 2.º plano: Mesdemoiselles Angela Fonseca, Laura Lourenço, Helena Correia, Portugal, Andrade, Parente, Varela Cid. No 3.º plano: Mesdemoiselles Alice Marques, Lidia Jutilheiro, Sara Sousa, Hilda Carneiro, Hilda Rebelo, Irene Martins.

As provas de aviação no Campo Grande



1. O aeroplano *Deperdussin* que o coronel sr. Albino Costa ofereceu ao exército por intermédio do *Seculo*, pilotado por Sallés.
2. A aviadora madame Driancourt felicitando o aviador Bosano pelo seu belo vôo.



3. No campo de aviação antes da chegada dos aeroplanos.—4. Sallés depois da aterrissagem do aeroplano *Deperdussin* oferecido pelo coronel sr. Albino Costa ao exército por intermédio do *Seculo*.—(Clichés de Benoitel)

Foot-Ball no Porto



1. Um aspecto da assistência.



2

o Sporting Club de Portugal e o Boavista Foot-Ball Club.

A luta foi renhida e um pouco prejudicada pelo calor, que esteve intenso.

Venceu o Sporting Club de Portugal por tres «goals» contra 0.

2. Os jogadores do Sporting Club de Portugal.

3. Os jogadores do Boavista Foot-Ball Club.

Com grande e distinta concorrência, porque o desafio tinha despertado enorme curiosidade, realizou-se n'um dos ultimos domingos, no Porto, um sensacional «match» de «foot-ball» entre



3

O Teatro em Paris

As peças novas de Bernstein
e Abel Hermant



Abel Hermant (Cliché Bert)

Eis um resumo do «Secrets», a peça de mr. Bernstein que está sendo representada, com muito exito, no teatro das Bouffes-Parisiens:

«Gabrielle Jannelot ama seu marido e é amada por ele; como questões de familia preocupam e irritam este ultimo, ela exorta-o á calma e ambos se ocupam d'uma encantadora amiga d'eles, Henriette Horleur, que, após uma união desgraçada, se prepara para deixar a sua viuvez e casar com o joven e tímido Le Guenn. Em ar de brincadeira, Gabrielle congratula-se com Henriette por esse casamento e quando o ingenuo e violento Le Guenn se mostra ciumento e pouco tranquilo sob o passado da mulher que ama, é ainda Gabrielle que o socega. Mas, só, em presença de Henriette, com palavras cheias d'amizade, ela aconselha-a a que confesse ao noivo a sua ligação, depressa interrompida, com um tal Ponta Tulli. Porquê? Henriette espanta-se, depois deixa-se convencer, mas quando se dispõe a dizer tudo, encontra um Le Guenn tão confiante que ainda d'esta vez guarda o seu segredo.

No segundo ato, que se passa na «villa» da condessa de Sa-vegeat, tia de Gabrielle, aparecem re-

unidos os dois pares



Mademoiselle Madeleine Lely, no Secret.
(Cliché Watery).

e... Ponta Tulli. Henriette é perseguida por esse homem que outr'ora deixou a instancias da sua amiga. Pouco depois nós sabemos que foi Gabrielle quem o fez convidar, dando-lhe a entender que tal era o desejo de Henriette. E tudo isso porquê? Porque Gabrielle é uma mulher má. Não pôde suportar a felicidade d'aqueles que a rodeiam. Foi ela quem separou jannelot da irmã que ele adorava; foi ela quem separou Ponta Tulli d'Henriette; foi ela quem quiz destruir a terna afecção de Guenn pela mulher. E' um monstro. Ela propria acaba por confessar tudo ao marido, que lhe perdôa — porque a ama.

O triunfo rapido, facil, brilhante, das peças anteriores de mr. Bernstein não tinha propriamente origem no valor artistico, aliás notorio, d'esses trabalhos. Era mais uma manifestação de masochismo coletivo. O dramaturgo encon-



Bernstein.
(Cliché Dotusina & Tapovier)

trou uma sociedade decadente, viciosa, de nervos bambos, procurou os sitios onde melhor poderia magoal-a, desancou-a. E, como a mais «detraquée» das pecadoras, essa sociedade, rojando-se lhe aos pés, chamou-lhe «mon chéri...»

Mas no «Secret» o caso é outro. A ação quasi não existe; o drama passa-se nas almas; e essas almas nós vêmol-as de perto,

compreendemos, demolamos, o autor fez prova de qualidades de psicologo e d'um virtuosismo de subtilidade analitica que até hoje quasi lhe ignoravamos.

N'essa comedia, cuja interpretação é toda ela, completamente, absolutamente uma maravilha, ha, sobretudo, duas personagens, direi mesmo, dois tipos cuja originalidade teatral é incontestavel e cuja «verdade» eu não hesito em dizer flagrante. Um d'elles é o da mulher má por temperamento, porque uma voz intima a impele a selo irresistivelmente, a mulher feliz a quem, aliás, o espetáculo da felicidade alheia desconcerta e que, onde quer que veja essa felicidade, junto de seu marido, em volta da melhor das suas amigas, não hesita em tudo fazer para destruil-a. O outro tipo é o do homem a quem o ciume do passado da mulher amada dilacera. E' o timido, desconfiado sempre de si proprio, torturando-se com a idéa de que outros an-

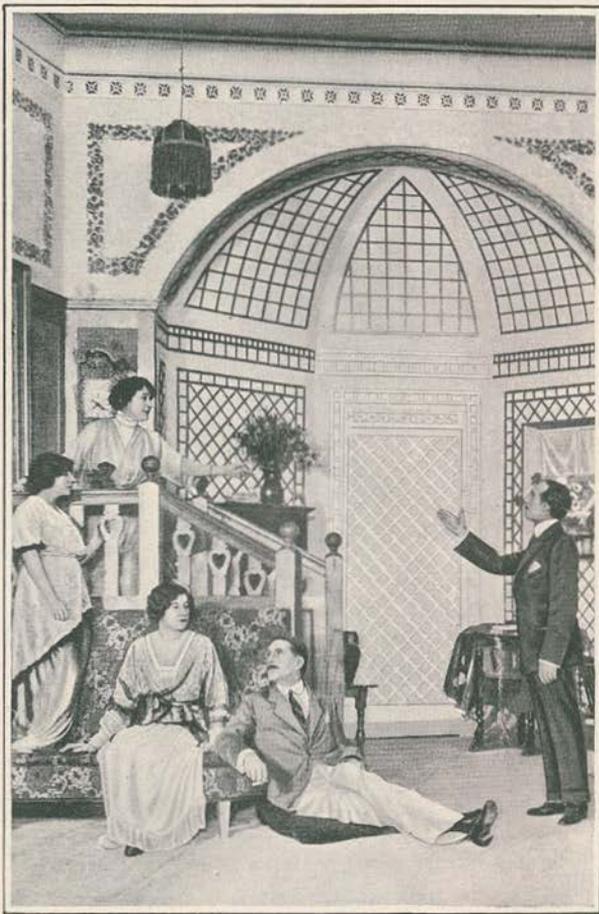
tes d'ele podem ter-se aproximado da creatura que adora e impressionando-se decerto mais do que os modestos meritos d'ele lhe consentem.

E' o ciume peor de todos, porque nem sequer pôde social-o uma vingança que seria injusta; é a dôr de cada instante, obsidente, cruel, contra a qual o amor, o carinho, a docura da mulher não teem poder; é o ciume mais desesperante porque não pôde encontrar ninguém para acusar e debater-se no vacuo, inconsistente, impotente, ofensivo e grotesco.

São esses os dois caracteres dominantes na ação. São eles que a conduzem, que a dirigem, que a justificam. D'elles nasce o drama: ou melhor dizendo, a peça, que não é mais que um episodio d'esse drama, porque a solução final é transitoria e, nos seus efeitos, seria, decerto, efemera. A mulher má promete emendar-se, de joelhos, deante do marido que a ama e lhe perdôa. O homem ciumento promete deixar

de ser, no momento preciso em que os seus ciumes retrospectivos encontram a justificação mais inesperada e mais irrefutavel. Essas coisas prometem-se mas não se cumprem. Compreendo-o o publico, como, decerto, o autor o comprehendeu tambem.

A interpretação do «Secret», com madame Simone, mademoiselle Made-



Uma cena de *Le Secret*. (Clíché Photo Teatre)

leine Lely e messieurs Claude Garry e Victor Bucher nos papeis principaes, é— disse-o eu já—uma maravilha.

Toda outra é a comedia de mr. Abel Hermant que mr. André Brulé e mademoiselle Ventura defendem, com grande talento, no palco do Athenée.

«O principe Serge Kamenky—escreveu um critico resumindo o entrecho—depois de ter, a instancias de sua mãe, esposado Fédosia, sua amante, abandona-a deixando-lhe o seu nome. Os dois encontram-se durante a «Semaine folle»—a semana do Carnaval—em Veneza, n'um baile de mascaras. A princeza quer uma explicação; em vão o marido pretende esquivar-se; com ironia ele escuta as acusações de Fédosia. Esta, para abalar a indifferença de Serge, aceita a cõrte do primeiro que encontra, um francez, o marquez de Mauvière, ao qual apenas permite, contudo, penetrar até ao limiar de sua casa e até ao limiar de si propria. A brusca paixão de Mauvière aumenta; ele não ignora, não obstante, qual é o jogo de Fédosia; a condessa condescende em acompanhal-o n'um passeio sentimental a Torcello. O principe, prevenido, interpõe-se. Fédosia promete ao marquez ir ter com ele. Mas, ao cair da noite, depois de ter esgotado as palavras cruéis, Fédosia e Kamenky regressam a Veneza em verdadeiros amantes. E' lá que, exasperado, o francez os surpreende. Mas a bala inutil que o amoroso frustrado dispara sobre o principe Kamenky, mostra sómente a incompatibilidade que reinará sempre entre raças diferentes, e as paixões que podem desencadear n'um instante esses temperamentos fantassistas, atraentes, despoticos que nós nunca poderemos comprehender.»

E' um quadro da vida cosmopolita, glossa d'um caso conhecido. Não tem um fim moral; o drama é vago, disperso, e quasi nos não impressiona. Mas o quadro é feito por mão de mestre, um mestre ironista, precioso observador, critico mordaz, excellent homem de letras. «Semaine Folle»



1. Madame Simone, no Secret. (Cliché Watery).—2. Mademoiselle Devimeur, na Semaine Folle. (Cliché Reutlinger).
3. Uma cena da Semaine Folle. (Cliché Photo Programme).

é a obra prima d'um cronista brilhante. E dessa peça e resume as suas qualidades. essa definição, por si só, revela os defeitos Paris, maio de 1913. P. O.



O GRUPO DE OFICIAIS QUE TOMARAM PARTE NA FESTA: Da esquerda para a direita (sentados)—Capitão do 4 Justino Ramos—major do 4 Viegas junior—capitão tenente de marinha Afonso de Souza—general Sande Lemos—primeiro tenente medico de marinha Marques—capitão do estado-maior de infantaria Mendes Cabocadas—capitão da Guarda Nacional Republicana Sande Lemos. (De pé) tenente do 4 Crispim—alferes do 4 Pisco—alferes ajudante do 4 Sande Lemos—capitão Floriano José—capitão do 33 Côrre—alferes do 33 Eduardo Batista—alferes do 33 Serpa—tenente-ajudante do regimento de reserva 4 Manuel Alexandre—tenente medico Candido de Souza—alferes do 4 Tavares Branco—aspirante a oficial do 33 Canêthas—alferes miliciano Steven Afonso.

Tendo o Conselho de Administração da Fraternidade Militar convidado a União de núcleos n.º 29, d'esta cidade, a organizar uma festa com o fim de solenizar a entrada dos novos recrutas na grande família militar e mui gostosamente accedendo a referida União a tão honroso convite, realçou-se em Faro, no quartel do 3.º batalhão de infantaria 4, uma atraente festa que decorreu na maior animação.

Diferentes officios e sargentos discursaram com bastante proficiencia incutindo no animo dos recrutas o espirito de sacrificio pela Patria, o amor pelas instituições vigentes e a dedicação pelo bom nome do exercito.

A essa tão simpatica como patriótica festa assistiram, além de algumas senhoras, muito povo, as autoridades militares e civis, acadêmis e mancebos da instrução militar preparatoria e constou dos seguintes numeros: 1.º formatura geral do batalhão no largo fronteiro ao quartel (cain-



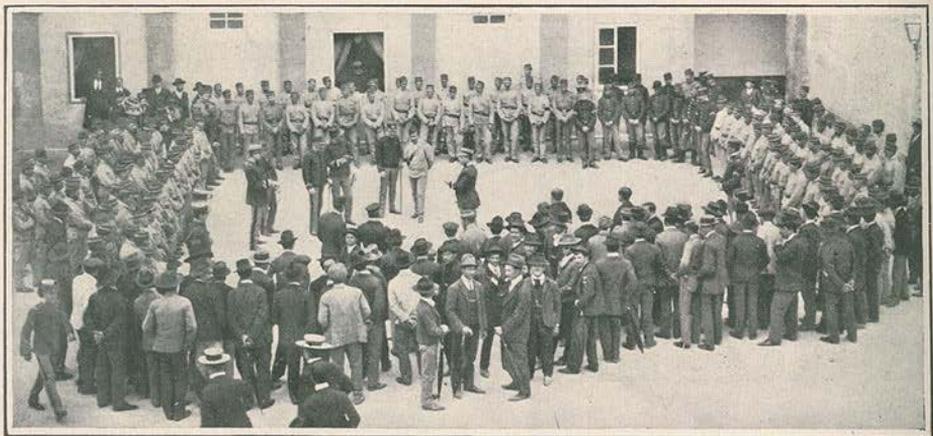
GRUPO DE SARGENTOS DO 3.º BATALHÃO DE INFANTARIA 4: Da esquerda para a direita (sentados)—2.º sargento Souza Ramos—1.º sargento Simões Neves—1.º sargento Manuel Neira. (De pé) 2.º sargento Antonio Manuel—2.º sargento Elias Trindade—2.º sargento Joaquim Gonçalves—2.º sargento José das Dóres.

po de foot-ball—2.º rancho melhorado, pago pelos officios—3.º jogos sportivos comprehendendo: corrida de 100 metros—corrida de estafetas—saltos em altura com balinço—luta de tração e foot-ball—4.º Distribuição dos premios—5.º sessão animatografica no teatro circo por conta dos officios.

Durante o jantar das praças executou magistralmente alguns trechos do seu variado repertorio a «Tuna Popular Farense» que espontaneamente se prestou a abrihantar a festa.

Tudo correu com o maximo entusiasmo, solenidade e brilhantismo devido, sem duvida, a elevada dedicação do comandante e officios do referido batalhão que foi muito apreciada pelo general presidente do já mencionado Conselho de Administração, deixando em todos os assistentes ottima impressão pelo que os seus promotores são dignos dos mais rasgados encomios.

S. L.



O major Viegas Junior discursando—(Clichs do capitão sr. Floriano José, distinto fotografo amador)



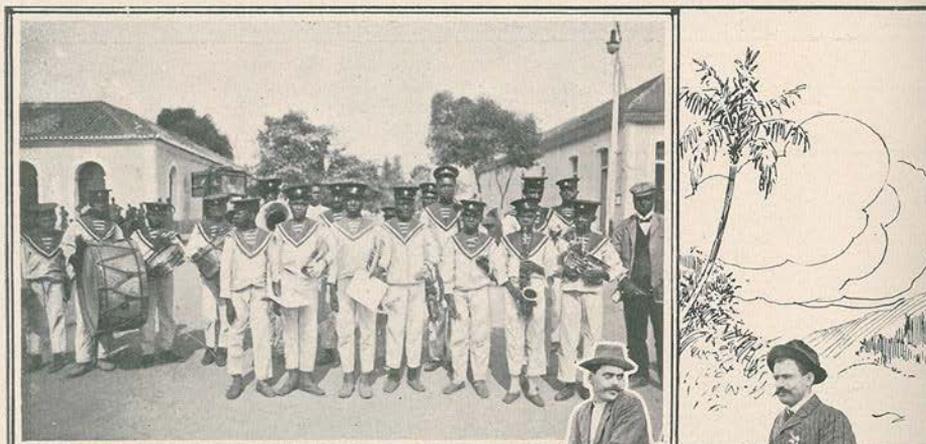
As famílias dos importantes comerciantes do Huambo srs. Julio Lopes Pereira, João Antunes Varela e Alfredo Marques de Carvalho reunidas em alegre refeição no campo, para a qual convidaram algumas pessoas amigas.



Pomar dos srs. João Varela e irmão no Huambo, vendo-se aquele senhor e sua esposa colhendo laranjas. Huambo é uma nova cidade em formação no distrito de Benguela. Os srs. Varelas são dos portugueses que mais tem contribuído com os seus inteligentes esforços para a prosperidade d'aquella região.



A casa do sr. Alfredo Marques de Carvalho na fortaleza do Huambo.



2. Huambo tambem já tem a sua filharmonica organizada, depois d'incalculavel trabalho pelo distinto fotografo sr. Luiz Gomes dos Santos. Não ha festa para que ela não seja convidada, tanto na cidade como nos arredores; os governadores e chefes do concelho todos entram ali a toque da musica e é talvez mais devido á atração da filharmonica do Huambo, do que á d'aqueles funcionarios, que é enorme a concorrencia do povo por occasião das suas visitas.



3. Os srs. João Antunes Varela e Alfredo-Marques de Carvalho a caminho do Huambo. Foi este ultimo senhor que ofereceu todas estas fotografias á *Ilustração Portuguesa*



Huambo: a queda do rio Chissala durante as grandes cheias em frente à antiga fortaleza de Huambo, vendo-se ao fundo o sr. Alfredo Marques de Carvalho, abastado proprietário e inteligente agricultor, e os seus creados e mais àquem, junto da água, a sr.^a D. Joaquina Batista dos Santos, esposa do distinto fotografo sr. João Batista dos Santos que tirou estes clichês para a *Ilustração Portuguesa*.

A morte d'Asa

«Notas cvas de misterio anunciam a despedida da vida. A alma chora! A doçura da visão passa por nós também. Os compassos primeiramente em pianissimo vão-se distinguindo mais e mais... Os sons, n'um diminuendo, vão-se extinguindo, apagando, na indecisão cinzenta do infinito...

(Peer Gynt, estudo critico.)

AARÃO DE LACERDA.



O illustre poeta dr. Augusto Gil.

I

Em notas d'uma palida tristeza
Em lagrimas de som baixinho e doce
Que são como o ruflar de rôla presa
Que emfim se desprendesse e emfim se fôsse...

Em notas de cadencia luminosa
(Uma luz branda e d'aureolada imagem)
Que são como o esfolhar-se d'uma rosa
Onde um anjo roçasse de passagem...

Em notas de murmurios cristalinos,
Astros pequeninos,
Astros d'um momento,

Erguidos e dispersos pelo vento
Do lume derradeiro d'uma braza...

Descrevem os violinos
A branda morte d'Asa.

II

Desce outra vez a escada de Jacob
Como no tempo antigo...

E com a alma d'Asa, a minha, sobe...
Sobe a muito alto e até muito alto eu sigo
A viagem para Deus
D'aquela pobre mãe...

Uma teoria d'outras almas vem
Trepando na escada para os céus...

Já se entrevê agora
—Mas distanciada ainda—
Uma clareante aurora
Acolhedora e linda...

Interrogo-me cheio de anciedade:
E' esta luz de virginal rubor
Acaso) a inextinguível claridade
(a eterna paz e do perpetuo amor?

D

P. S.—Alguns, porque sejam na verdade eruditos, e outros, porque o queiram parecer, pronunciam o nome norueguês *Asa*, como *Ose*. Ninguém é obrigado a ser omniglota e a pronunciar cada palavra estranha como no idioma de que foi importada; e, por isso, apor-tuguezei-o. Assim procederam os alemães, inglezes o francezes que respetivamente escreverem *Asa tod*, *The death of Asa*, *La mort d'Asa*.

A. G.

E na minh'alma triste, insatisfeita,
Floriu o jasmim branco d'um sorriso...
E disse: talvez seja a porta estreita
Do além, do bem, do céu, do paraizo...

III

E subi mais... E imaginando voar
Na esteira d'Asa pelo espaço em fóra
A fantasia erguera-me ao lugar
Onde a que eu amo e a quem réso, mora...

Como é muito alto o monte em que ela vive
E como o seu amor lá me fulgia,
Facil foi ter esta ilusão que tive
De que era o céu, a abrir-se-me, o que eu via...

IV

E afinal não era uma ilusão,
Um sonho de atraente irreabilidade...
Essa visão
Era a verdade:

Cá mesmo n'este chão d'aspero piso.
—Com um amor como o teu—
Tem a gente o paraizo...

Oh mais amada e pura das mulheres,
Para mim a luz do céu
—E' a sombra que tu deres...

V

E a elegia alada das rabecas?
Mudou agora mesmo de cadencia.
E' o exalar de pétalas já secas:
Não ha fórma. Nem côr. Ha só essencia...

Setembro de 1912.

AUGUSTO GIL.

Torneio do tiro aos pombos no Porto

Foi uma festa brilhante, a que uma distinta assistencia deu uma nota encantadora, o torneio nacional de tiro aos pombos, realisado no Stand do Club de Caçadores do Porto.

Tomaram parte n'esse torneio os



nes Guimaraes, dr. Vasco Nogueira de Oliveira, Pedro Brandão de Melo, Cyril Wright, Julio Ferreira dos Santos, Silva Junior, Basilio Torres Stokler, Aurelio Martins, Adeliño Correia, Joaquim Correia, Jo-

UM GRUPO DE ATRADORES: Srs. dr. Amador Valente, F. Brandão de Melo, A. Seixas, Vitor França, A. Brandão de Melo, + Romão Casals, J. Braga (1.º premio) L. Brandão de Melo, David Ferreira, P. Brandão de Melo, J. Costa e B. Stokler.



O sr. Vitor França alvejando os pombos

(Clichés A. Martins)

Os membros do júri

melhores atiradores do Norte, e ficaram classificados para os premios, que eram dezoito, os senhores: Romão Casals y Praga, David Ferreira Junior, Arnaldo Gonçalves, dr. João Antu-

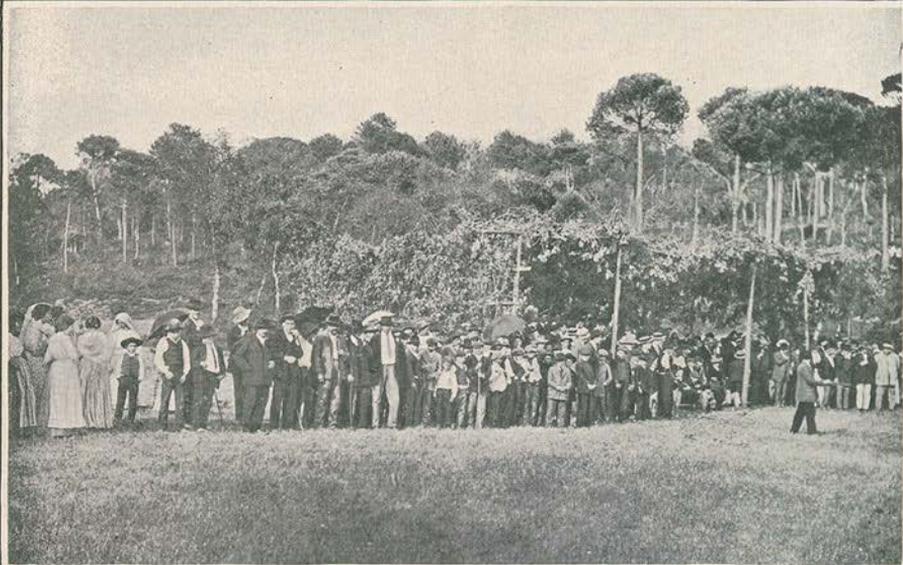


sé Alberto da Costa Torres, Benito José da Costa, Vitor França, Antonio José dos Santos, dr. Manuel da Costa Amador Valente e Francisco Mimoso Brandão de Melo.



Aspetto da assistencia—(Clichés do distinto fotografo amator sr. Fernando Alves Mendes)

Torneio de tiro aos pombos em Vila da Feira



Um aspecto da Vila da Feira onde se realisou com grande entusiasmo um torneio de tiro aos pombos na quinta das Guimbras do sr. visconde de Fijó e no qual se inscreveram dezoito atiradores.



Algumas das pessoas que assistiram á festa e os atiradores que tomaram parte no torneio cujos primeiros premios couberam ao sr. Alcides Machado e Luiz Pereira Soares.

Figuras e Factos

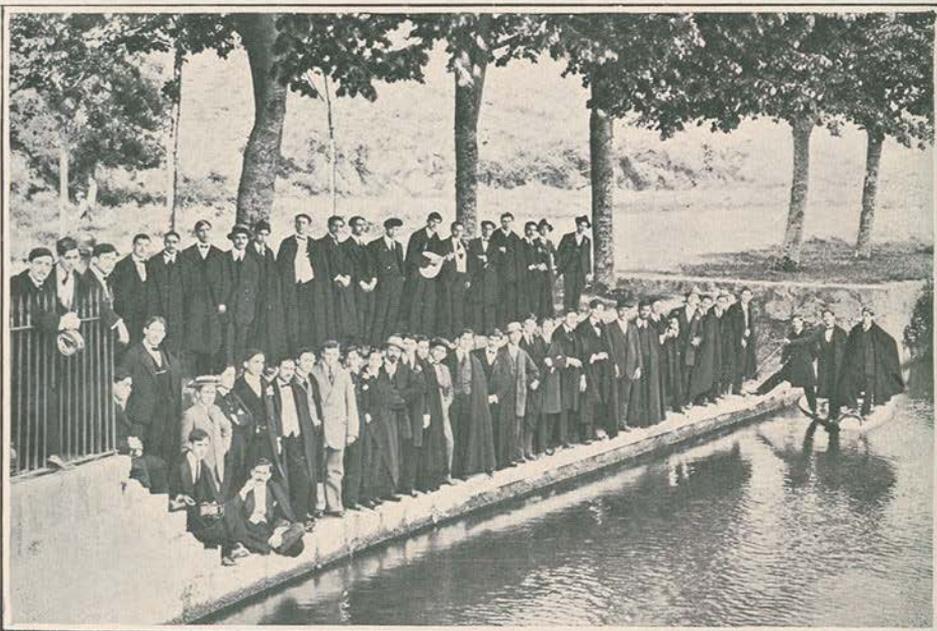


OS ALUNOS DO CONSERVATORIO QUE REPRESENTARAM COM APLAUSOS OS «VELHOS» DE D. JOÃO DA CAMARA NO THEATRO NACIONAL REALIZANDO UM SARAU DE VERDADEIRA ARTE.

1. Sr.^a D. Sarah Lima que representou o papel de *(Emília tia Ana)*—2. D. Rosina Rego, *(Narcisca)*—3. D. Justina de Magalhães, *(Emília)*—4. D. Beatriz Batista *(Emília)*—5. Sr. José Assis Torres *(Porfirio)*—6. Sr. Antonio de Gouvêa *(Julio)*—7. Sr. Otelo de Carvalho *(Bento)*—8. Sr. Artur Rosa Mateus, *(Palcas)*—9. Sr. Luiz Ripado *(Prós)*



10.—A despedida dos boy-scouts d'Hastings que estiveram uma semana em Lisboa onde realizaram varios exercicios e que embarcaram para Inglaterra em 4 de junho no Danube.



Os alunos do 7.^o anno do liceu de Braga que ao concluirem o seu curso liceal se reuniram n'uma recita no teatro de S. Geraldo e n'um jantar de despedida em Vizela em cujo parque os fotografou o distinto artista sr. Carvalho de Guimarães.



PINAFIEL—Infantaria 32 bivacando depois d'um passeio a Louzada, clichê do distinto fotografo sr. Sebastião Roque!

OS PROGRESSOS NO BRAZIL

A *Ilustração Portuguesa*, inicia hoje a secção relativa ao Brasil cuja vida tanto nos interessa e onde mantem um correspondente, o sr. Simões Coelho, que irá pondo os seus leitores ao facto dos mais notáveis progressos e das mais betas iniciativas dos varios pontos da terra brasileira informando-os ao mesmo tempo das maravilhas d'esse paiz do trabalho e da luta prestes a conquistar a hegemonia da America do Sul.



1. O sr. Simões Coelho representante da *Ilustração Portuguesa*.—2. Sr. João Wast contra-mestre da fabrica.—3. Sr. dr. Antonio Miranda Corrêa, fundador da empresa.—4. Sr. Schonback, mestre da fabrica.

Só quem haja percorrido o Brazil é que pôde atestar o seu desenvolvimento industrial. A Europa desconhece, por completo, a vida intensissima do mais fertil paiz da America do Sul. Não avalia, e quasi não acredita, na enormidade de esforço gasto em aproveitar todos os elementos naturaes, extrain-

Em zona tropical, como é a do Amazonas, de ha muito se notava a falta de uma fabrica que a lançasse no mercado. Lda ha pouco tempo imperavam as antigas



4. Vista de Manaus tirada de S. Raimundo, vendo-se na margem do rio o edificio da fabrica.

do-lhes a incensuravel seiva produtora. Assim é que a terra brasileira está sulcada por inculcaveis capitaes estrangeiros, que a ro deiam de todos os maquinismos modernos, tratando a com os carinhos inteligentes de quem exige e recompensa bem. O viajante, mesmo que não queira, ha de forçosamente reparar nas grandes usinas que enchemo vasto territorio e notular a progressividade industrial e o espirito moderno que lhes preside.

Uma das industrias que maior desenvolvimento tem tido, principalmente no norte, é a da cerveja.

marcas: *Antartica*, de S. Paulo, *Paranhor*, do Pará, *Brahma* e *Booch Ale*, do Rio de Janeiro. Aparecendo o *Schopp Amazonense*, eliminou por completo a venda do alemão, como fez quasi esquecer todas as outras marcas. O mais interessante é que a iniciativa partiu do distinto engenheiro paraense, dr. Antonio Miranda Correia, negando assim a fama que se espalhou de que o brasileiro é por demasiado languido nos seus cometimentos. Foi á Alemanha ha, estudou tudo o que de melhor lá se pratica na especialidade, adquiriu o mais perfeito mecanis-



6. O automovel da fabrica que, em reclamo, percorreu as ruas de Manaus.

mo, contratou dois praticos dos mais cotados, e ei-lo de volta a Manaus a montar a melhor fabrica do genero no Brazil. Pelas fotografias, o leitor avalliará da excellencia do edificio, erguido em uma das margens do rio Negro, tendo a circunscrevimento e belo de colorido.

O fabrico da cerveja obedece aos principios geraes já conhecidos, tendo por base a cevada e o lupulo. As materias primas que se utilizam são: uma materia assucarada ou amilacea, transformavel em alcool, (quasi sempre é o amido); um principio amargo (lupulina, determi-



O Pavilhão Universal, a casa de Manaus onde se vende mais Schopp.

as condições do fermento e observámos os processos de conservação e a acondicionamento da cerveja. Em tudo notámos o mesmo zelo e o mesmo rigor de tecnica que presidem a todos os trabalhos d'aquella industria, organizada sob os moldes mais modernos das similares da Alemanha.

A agua empregada no fabrico da cerveja, sendo submetida a processos de filtração curiosos.

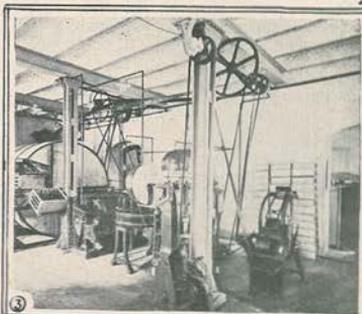
Não ha possibilidade de se lhe encontrar o menor vestigio de insalubre. A sua

agradavel impressão recebeu o grande bacteriologista brasileiro, dr. Carlos Chagas, de passagem para o Rio, escrevendo a sua abalissada opinião:

«Assistimos a analises quimicas rigorosas, todas demonstrativas da ausencia de substancias nocivas ao organismo humano; apreciámos a fermentação do liquido, e examinámos

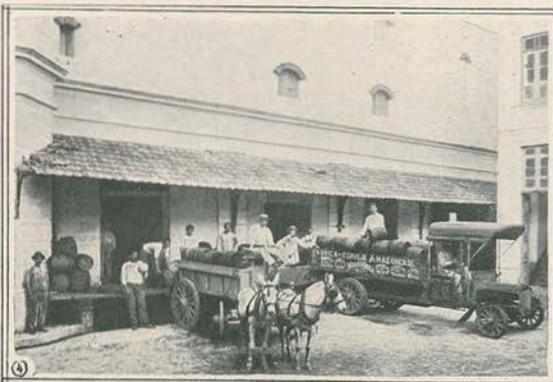


Sala da pasteurisação



Sala do engarraffamento

nada pelas bráteas do lupulo); um fermento organizado que transforma a materia assucarada em alcool, acido carbonico e agua que deve ser purissima. O que de notavel possui a qualidade da cerveja amazonense é que é fabricada pela ação da gravidade, visto que a altitude do edificio assim o permite, dando azo a que a cerveja se torne notada pela sua cristallisação, que é rara nas outras marcas. A mesma

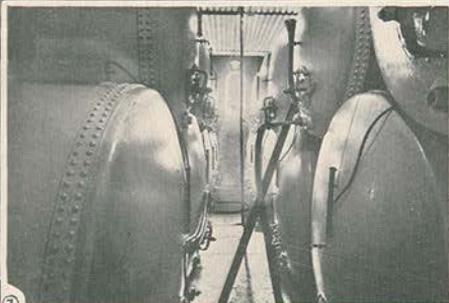


Carregamento da cerveja Schopp no pateo da fabrica.

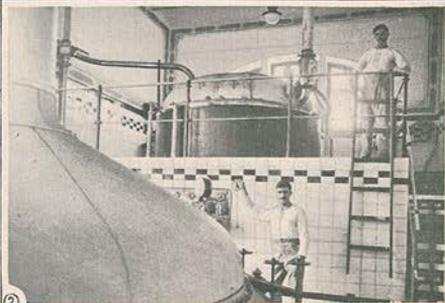
pureza é que lhe dá o gosto magnifico que possui. Sabido é que, devido ás aguas serem diferentes nos diversos pozos, os gostos das cervejas variam.

Não admira, pois, que o bebedor da cerveja amazonense prefira beber um schopp dos da fabrica recentemente fundada, a todas as outras marcas de bela seiva do lopulo.

A iniciativa



1

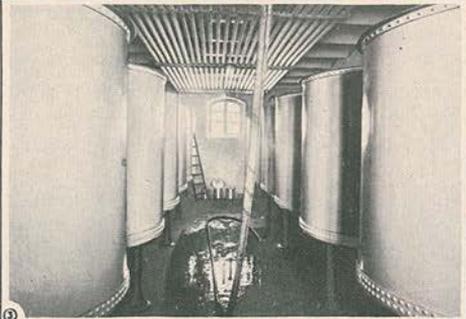


2

A adega de conservação das bebidas.

da firma Miranda Corrêa & C.^a merece os louvores de todos os que trabalham para o engrandecimento do sempre florescente vale do Amazonas.

De resto, por todo o Brazil igual movimento se nota em outras industrias, tendo-se conseguido um enorme aperfeiçoamento nos diversos ramos que os brasileiros estudam no estrangeiro e vão aplicar na sua patria, aberta a todas as iniciativas.



3

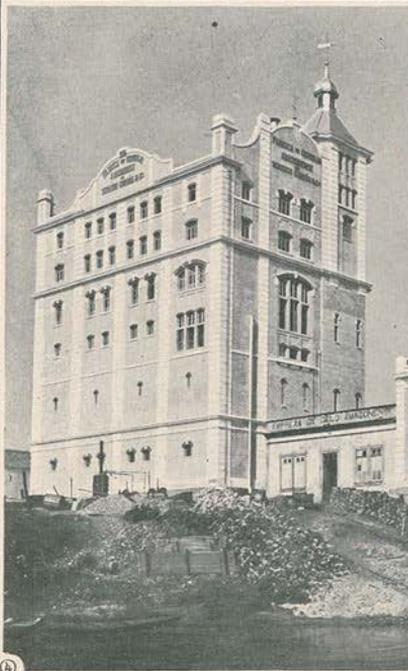
A parte superior da sala de fabrico.

Os mestres europeus que ensinaram os nativos admiram-se da presteza, perfeição e intelligencia com que se dedicam e dentro em pouco os dispensam, com o triboindo com estas qualidades, aliadas aos enormes capitães nacionaes, para o papel brilhantissimo que a sua patria representa no mundo.

Uma das adegas de conservação das bebidas.

Manaus, maio de 1913.

JOSÉ SIMÕES COELHO.



4



Vista geral da fabrica.

AS FESTAS DA CIDADE

As festas da cidade foram revestidas da maior imponencia, salientando-se, todavia, a parada do hipodromo, que foi cheia de beleza e de entusiasmo.

Quatro mil rapazes das escolas preparatorias militares, vindos de diversos pontos do paiz, manobram diante da tribuna presidencial, fizeram as suas evoluções ao sol rutilo d'esse lindo dia de domingo de junho, passaram com as suas bandeiras em continencia e receberam das mãos do venerando chefe do Estado as insinias para os estandartes das suas unidades.

No meio de um verdadeiro delirio, os rapazes formaram, com os seus corpos, grandes letras, que se viam de todos os pontos do hipodromo, na frase Viva a Patria, que a assistencia coroou com palmas entusiastas.

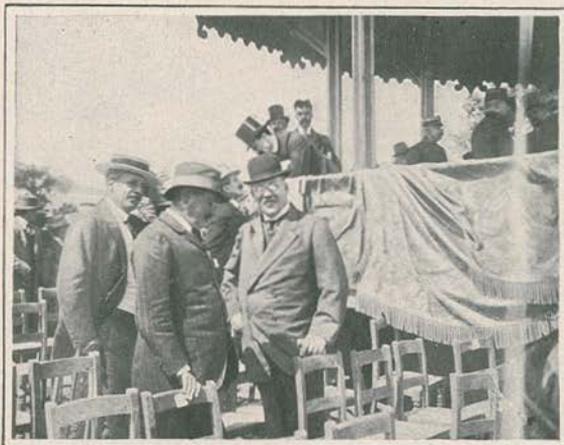
Depois dos alunos do Colegio Militar

terem feito os seus exercicios ginasticos, os batalhões desfilaram novamente ao som das musicas e, n'essa mesma noite, espalharam-se pela cidade iluminada por dezoito mil lampadas electricas, desde o Rocio até a Rotunda.

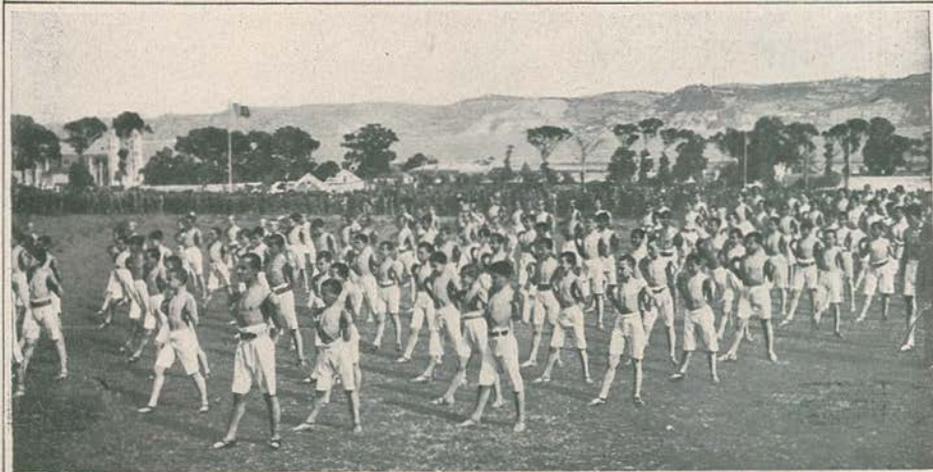
O ministro inglez, que escutára, comovido, o hino nacional cantado pelas quatro mil vozes dos jovens militares assim como a Canção da Bandeira, declarou que a cerimonia não podia ter sido mais imponente.

Realmente ha muito tempo que não se exhibia tão admiravelmente um numero de program de festas officias.

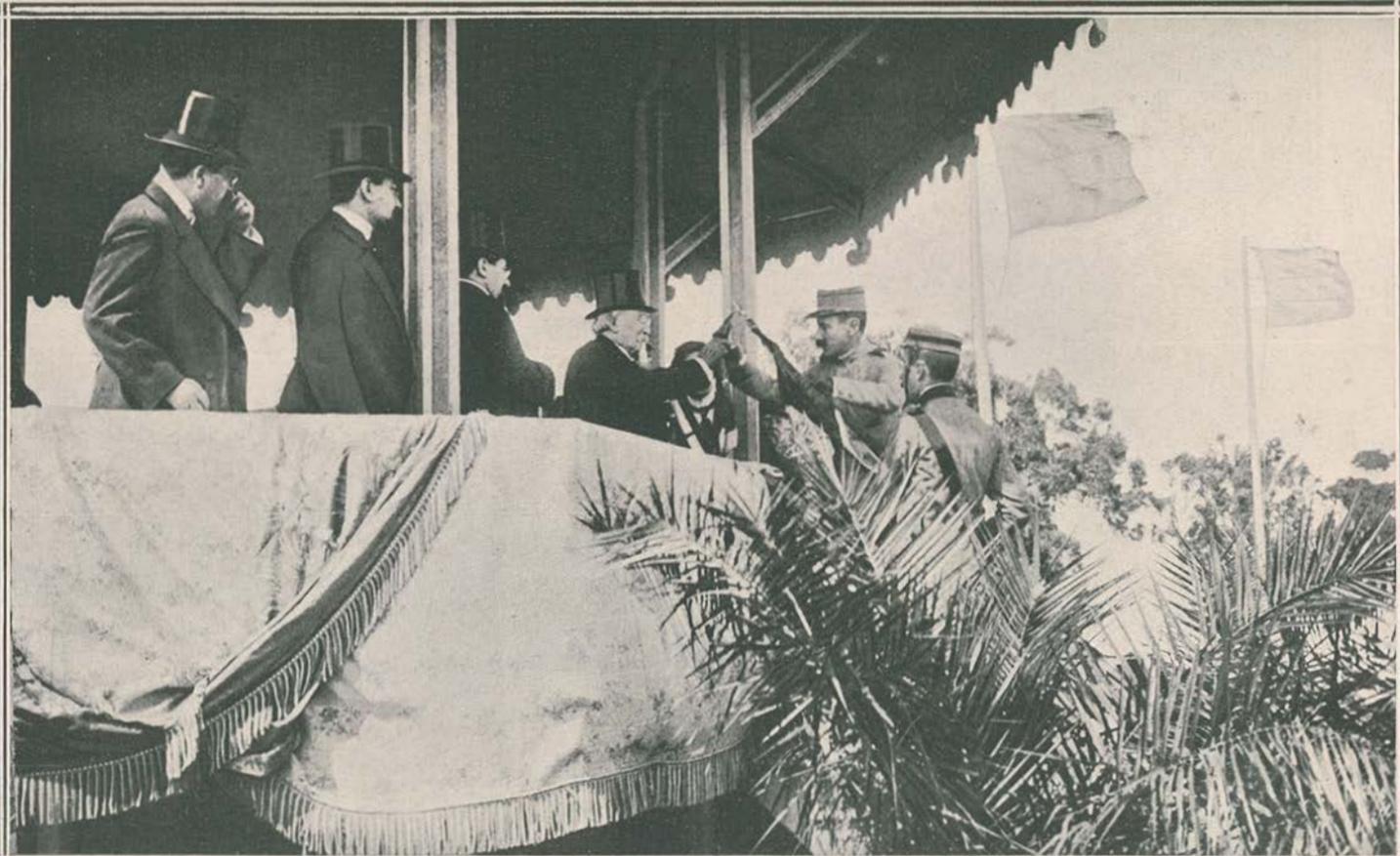
No teatro de S. Carlos realisonou-se tambem, na mesma noite, o sarau poetico em que foi eleita rainha da festa mademoiselle Davalos, filha do sr. ministro do Mexico e classificadas em primeiro logar as poesias dos srs. Luiz Soares e Ricardo Malhou.



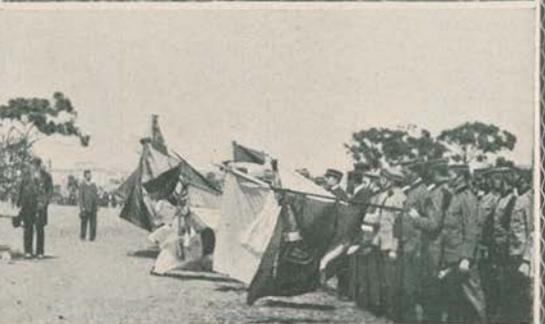
Um aspéto da tribuna presidencial, vendo-se o ministro dos estrangeiros debruçado a conversar com o corpo diplomatico.



Ginastica sueca pelas primeiras classes do Colegio Militar no hipodromo.



No dia da distribuição das insignias aos voluntarios das escolas militares preparatorias. Na tribuna presidencial: o chefe do Estado e o chefe do governo, o ministro do interior e o governador civil de Lisboa.



1. As bandas regimentaes reunidas tocando a *Portuguesa* durante a distribuição dos distintivos às escolas militares preparatorias no hipodromo.—2. As bandeiras das escolas de instrução militar preparatorias em continencia.—3. Depois da distribuição dos distintivos: os estandartes abatidos diante da tribuna presidencial.

No dia seguinte foram as provas de aviação que chamaram uma enorme concorrência ao Campo Grande, onde se apresentaram os aviadores Bosano e Sallés, que pilotava o aeroplano Deperdussin que por intermedio do «Seculo» o coronel brasileiro, sr. Albino Costa, ofereceu ao governo portuguez.

Esse espetaculo foi dos mais impressionantes porque, n'uma surpresa, os dois aviadores surgiram

zar da ventania forte, seguindo o publico ansiosamente as oscilações do aparelho para aplaudir novamente Bosano.

Sallés trouxe a excelente maquina Deperdussin, como um experimentado conhecedor, desde o Seixal até ao campo d'aviação, recebendo tambem entusiasticas palmas do povo que lhe admirou a audacia e o arrojio e viu como



As escolas militares preparatorias com os seus estandartes, vendo-se á esquerda o da escola de Leiria, que é bordado a ouro.

sobre as cabeças dos espectadores, arrancando-lhes aplausos.

O primeiro a chegar foi Bosano, que vi-

manobrava maravilhosamente o aparelho oferecido ao exercito portuguez e que tão excelentes provas dava da sua solidez



nha a mil e cinquenta metros de altura e deu uma volta sobre o campo das festas, cortando a alumagem a uns quatrocentos metros, descendo depois, planando elegantemente, até que pousou por entre o entusiasmo dos milhares de pessoas que enchiam o recinto.

Novamente o aviador se elevou no espaço até cento e dez metros ape-



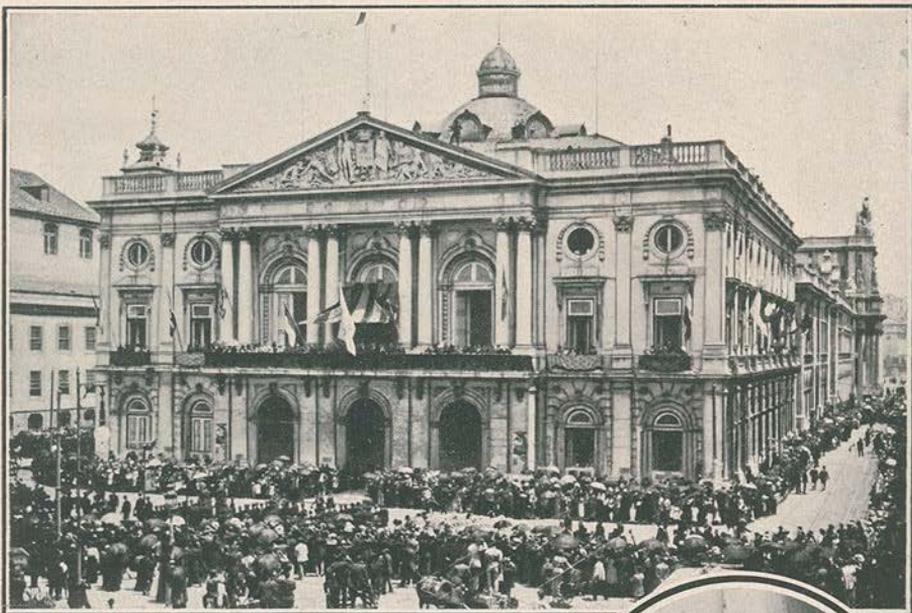
Um largo aspecto do campo do hipodromo, vendo-se uma parte das escolas militares preparatorias que vieram de todos os pontos do paiz para a grande parada

e estabilidade. Esta parte do programa cumpriu-se admiravelmente, não sendo tão feliz, no dia seguinte ao do concurso, o aviador portuguez sr. D. Luiz de Noronha, que sofreu um desastre com o seu aparelho e fracturou um braço.

Em terça feira fez-se o grande cortejo camoneano, no qual se incorporaram escolas de Lisboa e



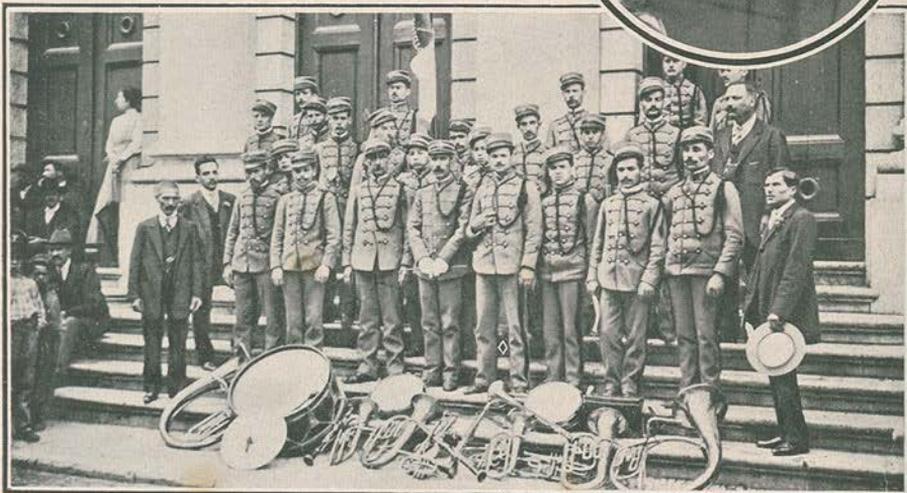
As iluminações na noite de 8 de junho no Rocío: Os lagos n'uma feira de lampadas das côres nacionaes, vendo-se ao fundo o teatro Nacional.



O povo aguardando a passagem do cortejo diante da Camara Municipal

da provincia e que saiu do Terreiro do Paço em direção á estatua do grande épico, em cujo sóclo tinham sido depositas flôres, tendo passado por diante da Camara Municipal onde, estavam o chefe do Estado e alguns membros do corpo diplomatico e do ministerio.

No momento em que o cortejo atravessava a rua do Carmo um grupo de operarios, que hasteava uma ban-



2. O chefe do Estado, o ministro do fomento, o presidente do municipio, o vereador sr. Pereira Dias e varias entidades officias, assistindo ao desfilor do cortejo na Casa da Camara—3. A filarmônica de Castelo de Vide da qual ficaram feridos alguns membros quando da explosão da bomba, na rua do Carmo, tendo morrido um d'eles, o sr. Vladimiro Pinto ◊



1. O kiosque, intitulado a *Boia*, ao qual o povo largou fogo vendo-se a arder.—2. O kiosque, já com as vidraças quebradas, antes de lhe ser largado fogo pela multidão.

deira negra onde se lia a «Pão ou trabalho», tentou intercalar-se nas suas fileiras ao que a policia e alguns populares quizeram obstar, sendo preso o individuo que conduzia o estandarte e rebentando ao mesmo tempo um petardo o qual matou um homem e feriu trinta pessoas.

O capitão da policia, sr. Amaral, ficou ferido n'uma perna. Na janela do hotel Universo uma senhora, que veio assistir ás festas com a sua familia, recebeu um estilhaço da bomba n'um pulso, fazendo-se-lhe a amputação da mão no hospital de S.



Na rua Nova do Carmo: A multidão enchendo a rua onde se deu o atentado. O hotel Universo, em frente do qual se deu o acontecimento, + vendo-se o povo amontoado depois da explosão da bomba.

José, onde a todos os momentos chegavam macas conduzindo os numerosos feridos. O homem morto chamava-se Alvaro Rodrigues e parou para assistir á passagem do cortejo, tendo destinado primeiro que iria com um companheiro para Algés. A curiosidade deteve-o; ali encontrou o seu fim.

Começaram imediatamente as correias e a multidão, vendo no ato um atentado sindicalista, destruiu o celebre kiosque conhecido pela «Boia», no Rocio, e que era um ponto de reunião de elementos avançados, indo de segui-

da atacar a Casa Sindical, cujo mobiliario ficou completamente destruido.

Fizeram-se varias prisões entre os elementos sindicalistas, alguns dos quaes tinham sido chamados ao comando da policia a fim de se responsabilisarem pe-

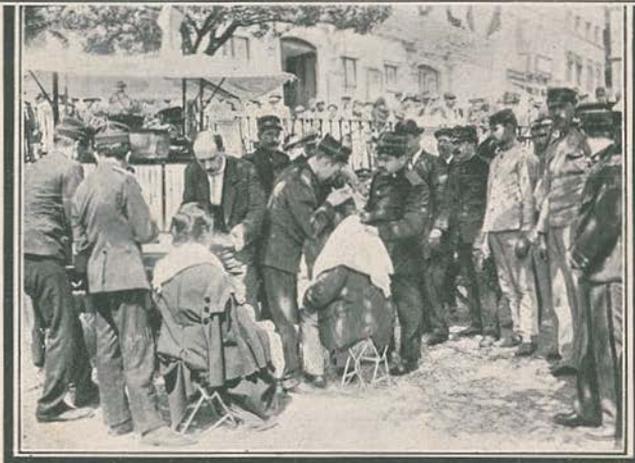


lançou uma nota profundamente desoladora nas festas da cidade.

Os alunos da Escolade Guerra, com uma coragem digna de nota, fizeram as primeiras prisões tomando imediatamente as embocaduras das ruas, contribuindo assim para que



1. O transporte do ferido Antonio Quintino de Sousa do hospital para o Limoeiro, no automovel da Cruz Vermelha.
2. A prisão d'um



sindicalista no Rocio.
3. O curativo de alguns dos feridos na ambulancia improvisada no Rocio, em frente ao onartel general.

las desordens que pudessem succeder.

O portador da bandeira chama-se Valerio Benjamin Ferreira e negou ter sido ele quem arremeteu a bomba, que

fossem detidos muitos dos individuos que se guiam a bandeira negra quando se meteu no meio do cortejo dos estudantes e das creancinhas das escolas primarias.